



MONSENHOR VIEIRA: UM INTELLECTUAL À SERVIÇO DO PROJETO EDUCACIONAL EM PATOS- PB

Autor (1); Daniela Medeiros da Silva

Universidade Federal da Paraíba – UFPB , dnimedeiros@hotmail.com.

Resumo do artigo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a contribuição de Monsenhor Manuel Vieira no processo educacional e intelectual de Patos no período de 1942 à 1962 na qual implementou uma cultura escolar no Colégio Diocesano. Para pôr em evidência uma história cultural, o presente estudo investiga a partir das reflexões de: Certeau (1999) História do Cotidiano; Julia (2001) Cultura Escolar; Saviani (2007) Instituições Escolares; Faria Filho (1999) Escola e Cidade entre outros. A partir dessa compreensão e de acordo com bibliografia pesquisada o presente estudo faz um levantamento de fontes documentais, como produções intelectuais do próprio Monsenhor Manuel Vieira, arquivos escolares, estatutos, atas, relatórios produzidos por Monsenhor Vieira e utilizado no Colégio Diocesano. Com isso nossa pesquisa se articula com um “lugar”, então estudar a cultura escolar desenvolvida por Monsenhor Manuel Vieira implica em entender que a educação é um objeto de investigação de vital relevância para a compreensão da formação cultural de uma sociedade, neste caso a cidade de Patos-PB. Por assim ver os processos de transmissão de saberes, por exemplo, como poderosos mediadores culturais, esclarecendo questões importantes que envolvem processos educativos em diversos tempos e lugares.

Palavras-chave: Cultura Escolar, Monsenhor Vieira, Colégio Diocesano, Patos-PB, História Cultural.

[...] Monsenhor Vieira, homem forte e austero religioso que, vivendo intensamente, em nome do Cristo que tanto amava, todos os seus postulados morais, consagrou a sua vida à Educação, logrando implantar, no cenário agreste do nosso Sertão, um modelo de Escola voltado para a formação integral dos jovens, numa época em que essas instituições se limitavam à simples ministração de conhecimentos.

[...] antecipando-se ao próprio curso da história da educação, preocupava-se em formar cidadãos, segundo os rígidos critérios morais e culturais que ele próprio vivia. O seu estilo educacional foi singular. O direcionamento de seu olhar ao indisciplinado e o uso de um apito que conduzia no pequeno bolso da batina, admoestavam mais do que qualquer palmatória! (Depoimento de ex- aluno do Monsenhor Vieira, Raphael Carneiro Arnaud)

Assim é definido Monsenhor Vieira por um ex-aluno. Com essa emblemática definição, inicio nas linhas desse texto da História da Educação a contribuição desse sacerdote à educação patoense e se não, do Sertão da Paraíba. De modo que destaco o relevante trabalho do Monsenhor Manuel Vieira da Costa¹ no Colégio Diocesano sob sua administração no processo educacional e cultural de Patos-PB nos anos de 1942-1962 nos tem alertado para questões de grande interesse para a Historiografia da Educação.

¹ De família tradicional Católica, nasceu em 27/02/1907 em Uiraúna-PB, fez seus estudos primários em sua terra natal. Estudou no Colégio Padre Rolim, Cajazeiras-PB. Em 1921, ingressou no Seminário Paraibano, ordenando-se sacerdote em 19/10/1930.



De acordo com Santos (2005) Monsenhor Vieira pode ser considerado um dos maiores vultos da história educacional paraibana, sendo um defensor intransigente da fé e um educador de grandes méritos, que fez do magistério seu segundo sacerdócio, educando várias gerações, justificando por isso interesse em estudar sua contribuição no cenário educacional.

Sua chegada à cidade de Patos², nosso recorte espacial, exige compreensão dos alguns acontecimentos que antecederam sua nomeação ao cargo de Diretor do Colégio Diocesano. Em 1930, em Cajazeiras inicia sua vida sacerdotal como cooperador do Monsenhor Constantino Vieira, em seguida no ano de 1931 assumiu cargo de diretor espiritual do Colégio Padre Rolim, na qual, passou também a lecionar Matemática e Educação Moral e Cívica, ano seguinte torna-se Diretor, entrando definitivamente na história educacional paraibana, com isso adquiri experiência e motivação para a área educacional.

Atendendo uma nova convocação da Diocese de Cajazeiras, Monsenhor Vieira chega à Patos para assumir o Colégio Diocesano inaugurando novos rumos para a educação deste município, assumindo suas funções no dia 28 de janeiro de 1942, como segundo diretor desse colégio.

Sua administração alavancou o decadente educandário ao contribuir por mais de duas décadas com novas e desafiadoras funções, nas quais iria, reafirmar todas as qualidades que o fez chegar ao cargo.

De acordo com Fernandes (2008, p.28):

Deve-se a ele, sem dúvida, o levantamento, não apenas físico, mas, sobretudo institucional, do Ginásio Diocesano de Patos, que, por suas mãos, galgou posição de relevo e proeminência entre os estabelecimentos de ensino do Nordeste e, notadamente, do sertão da Paraíba.

Nesse sentido, logo após tomar posse na direção do Colégio Diocesano, procurou construir um prédio para o referido educandário que atendesse e oferecesse condições dignas aos seus alunos. Com essa visão de gestor educacional selecionou um novo corpo docente, arregimentando os melhores da terra e de fora, disponíveis ao seu projeto de ensino.

Assim como também tinha suas convicções preocupadas e pautadas numa formação cultural e religiosa de seus educandos, apoiando também as manifestações culturais realizadas na cidade.

² Também conhecida como a “morada do sol” devido ao clima ensolarado e quente o ano todo.



Com essa responsabilidade de formar, educar e preparar seus educando o Colégio Diocesano formou vários nomes de projeção e destaque no cenário político, cultural e social, dentro e fora dos limites da Paraíba.

Diante disso, analisar a cultura escolar promovida por Monsenhor Vieira é grande relevância sob o aspecto da história da educação assim como entender o entrelaçamento que sua prática tinha com a religião, escola e cidade nos conduzem a tecer uma memória educacional de Patos-PB.

De acordo com Nóbrega (2007, p.93), Monsenhor Vieira articulava toda a disciplina do Colégio, assim:

[...] escreveria de próprio punho os objetivos principais do Ginásio para que constassem de folhetos impressos, distribuídos ao alunado quando da matrícula: 'proporcionar à mocidade católica brasileira, a par da mais esmerada educação religiosa, moral e cívica, uma sólida formação literária e científica.

Com isso a passagem do Monsenhor Vieira pelo Colégio Diocesano equipara-se ao desenvolvimento do educandário com o da cidade tornando-se reflexo de progresso, numa produtiva e frutífera interação, a cidade viu crescer em muito sua população em quantidade e conhecimento intelectual.

Na História da Educação brasileira, estudos sobre instituições escolares vêm ganhando espaço como importante prática para recuperar questões inerentes à compreensão do processo de escolarização no Brasil. Dentre esses estudos, destacam-se as pesquisas sobre instituições escolares, por isso faz-se necessário abordar tal temática devido as práticas de Monsenhor Vieira estarem intrinsecamente ligada a uma instituição escolar, nesse caso o Colégio Diocesano.

Sanfelice (2007) afirma que toda instituição escolar merece ser objeto de investigação, independente do grau de relevância na sociedade, uma vez que, para o autor, embora inserida em um contexto maior, cada instituição apresenta sua história e responde aos múltiplos determinantes de forma singular.

Consideramos importante destacar que estamos compreendendo que realizar um estudo na área da História da Educação pressupõe desvincular-se de abordagens historiográficas que defendem a história dos “vencedores”, dos “heróis”, das “verdades” e, sobretudo, de uma história global/total. Nóvoa ao apresentar a obra *História da Pedagogia* de Franco Cambi (1999) defende os estudos da História da



Educação, salientando que:

A História da Educação fornece aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar a sua cultura profissional. Possuir um conhecimento histórico não implica ter uma ação mais eficaz, mas estimula uma atitude crítica e reflexiva.

A História da Educação amplia a memória e a experiência, o leque de escolhas e de possibilidades pedagógicas, o que permite um alargamento do repertório dos educadores e lhes fornece uma visão da extrema diversidade das instituições escolares no passado. Para além disso, revela que a educação não é um ‘destino’, mas uma construção social, o que renova o sentido da ação quotidiana de cada educador (NÓVOA, 1999, p. 13).

Desse modo, é perceptível que o estudo da História da Educação contribui para reconstituir uma historicidade do processo educativo, e em particular, da educação escolar, tendo em vista o contexto no qual se insere. Saviani (2007), tratando das instituições educativas, sintetiza o conceito da seguinte forma:

[...] são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade à qual servem (SAVIANI, 2007, p. 5).

Ademais, o mesmo autor explicita que estudar a história de uma instituição escolar pressupõe reconstruí-la historicamente, razão por que o pesquisador não constrói seu objeto enquanto tal, pois “o que lhe cabe construir é o conhecimento do objeto e não o próprio objeto. E construir o conhecimento do objeto não é outra coisa senão reconstruí-lo no plano do pensamento” (SAVIANI, 2007, p.15), dessa forma o Colégio Diocesano torna-se parte do plano de reconstrução da prática de Monsenhor Vieira.

Para Magalhães (2004), a investigação de uma instituição educativa configura-se como objeto “epistêmico”. Esta configuração elaborada pelo referido autor se estrutura, conforme o mesmo, na historiografia da escola e da escolarização, na instituição educativa como totalidade em organização e devir,

na análise institucional como matriz conceitual interdisciplinar e na pedagogia institucional como modelo científico e orgânico-funcional. Ainda Magalhães reforça que o estudo de uma instituição educativa:

[...] diz respeito à cultura material e simbólica, quer dizer, às condições materiais e de funcionamento, à gramática escolar e à escolarização, e refere-se à representação, à apropriação das aprendizagens e à qualificação e reconhecimento da mais-valia educacional pelos grupos, indivíduos e organizações. (MAGALHÃES, 2004, p.112)



É pertinente explicitar, segundo o autor citado, que é possível distinguir duas orientações para os que trabalham com a história de instituições escolares:

A primeira dessas abordagens é uma resposta à interpelação sobre o estatuto da escola no quadro mais amplo da educação e da instrução.

[...] A segunda linha de orientação científica visa à construção da escola como um objeto historiográfico específico. (MAGALHÃES, 2004, p.120)

Portanto, nossa investigação toma essa primeira orientação proposta por Magalhães para desenvolver esta pesquisa, pois Monsenhor Vieira enquanto protagonista dessa história torna a escola esse ambiente de educação e instrução. Ainda consideramos relevante destacar que, segundo Pinheiro (2009), os estudos das instituições escolares podem ser desenvolvidos, pelo menos, em duas perspectivas, sendo a primeira a história de uma única instituição e, a segunda, de um conjunto de instituições. Sendo assim, por focalizarmos uma única instituição informamos que estamos enveredando na primeira perspectiva, por ser uma instituição de atuação do Monsenhor Vieira e única na cidade voltada para o sexo masculino.

Como ponto de partida para a discussão da história dos grupos escolares, os estudos de Pinheiro (2002) demonstram que estes constituíam, na História da Educação brasileira, um novo modelo de organização escolar, no qual o objetivo inicial consistia em reunir em um suntuoso prédio várias cadeiras isoladas, sob uma superintendência administrativa e técnica, assim temos as práticas educativas de Monsenhor Vieira exemplo ao organizar o Colégio Diocesano em sua estrutura física e disciplinar durante sua gestão escolar, embora não seja um grupo escolar mas podemos considerar nesses moldes.

As instituições escolares são instituições sociais, lugares especializados e de referência em educação formal. Inúmeros são os trabalhos³ encontrados dentro da área de História da Educação que definem, teorizam e problematizam as instituições educativas e/ou escolares. Alguns se dedicam a discutir o conceito e sua institucionalização, outros apontam preocupações metodológicas e de fontes, discutindo desde a importância dos arquivos escolares como lugares de conhecimento e de memória às ampliações nas noções de documento escolar, práticas pedagógicas, regulamentos, cultura material, arquitetura escolar. Para Castanho (2007, p.40), a instituição escolar é:

³ Diante das inúmeras possibilidades, citamos os seguintes livros: “Instituições Escolares no Brasil. Conceito e reconstrução histórica” (2007), “Tecendo nexos. História das instituições educativas” (2004) e “Instituições escolares. Por que e como pesquisar”(2008).



[...] um lugar social dotado de permanência, ou estabilidade, cercado de reconhecimento em sua missão, mantido por recursos materiais e humanos delimitados, normatizados externa e internamente e, enfim, sustentado por valores, idéias e comportamentos que, no seu conjunto, constituem a cultura institucional, no caso, a cultura escolar.

A instituição educativa é um termo mais amplo que abrange a escola, mas também as demais formas sociais que desenvolvem o processo de transmissão cultural. Detentora de uma cultura própria, ou ainda de culturas próprias, constituída, mas também constituinte de uma cultura social maior, possui um caráter inventivo, que desperta para a dupla finalidade da escola: formar os indivíduos e elaborar uma cultura, que neste caso o Colégio Diocesano de Patos forma indivíduos para a sociedade, destacando-se ainda mais seu papel na formação intelectual desses sujeitos sob a égide da Igreja Católica representada aqui por Monsenhor Manuel Vieira.

É penetrando no cotidiano escolar do Colégio Diocesano de Patos que passamos a reconhecer as práticas, os fazeres, as vivências como fragmentos e expressões desta cultura escolar. O conceito de cultura escolar que adotamos é de Dominique Julia. Uma definição clássica, que define cultura escolar, como *“um conjunto de normas e práticas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”* (JULIA, 2001, p.10) quando corroborando com esta definição Viñao Frago (1995), também frequentemente citado nas pesquisas da área, pensa a cultura escolar como aquela que enfatiza o espaço e o tempo como elementos participantes na conformação dos aspectos cognitivos e motores dos sujeitos sociais, através de um conhecimento transmitido pelas práticas escolares que formam e instituem comportamentos.

Nesse caso o recorte temporal da pesquisa se encontra nos anos da administração do Monsenhor Manuel Vieira que iniciou em 1942 quando assume o Colégio. Procurou construir um prédio para o educandário, que atendesse e oferecesse condições dignas aos seus alunos, aos mantidos em regime de internato, dente tantas melhorias quanto ao corpo docente, instalações físicas, currículo escolar sob forte aspecto da disciplina e bons costumes voltados para uma formação cultural, científica e religiosa dos seus alunos e finaliza no ano de 1962 quando o Colégio foi estadualizado e o Monsenhor Manuel Vieira foi Secretário da Educação e Cultura, no Governo João Agripino, cuja atuação política levou a ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados, integrando no exercício de suas funções parlamentares, a Comissão de Educação.



Os anos que compreende nosso recorte temporal (1942-1962), a cidade de Patos vivia o processo de modernização, compreendido, como um conjunto de amplas e complexas mudanças ocorridas nos diversos setores onde os sujeitos sociais atuam. Implicando em mudanças na economia, avanços tecnológicos, predomínio da ciência e da razão prática, burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso.

Assim também as novas formas de pensar e agir que são incorporadas ao cotidiano dos seus habitantes, como a implantação de escolas explicam uma aproximação entre cidade e cultura escolar para caracterizar as categorias de progresso e moderno relacionadas com as questões de urbanização e escolarização.

Toda via, convém ressaltar, que a cidade (de Patos) passou por mudanças significativas nas primeiras décadas do século XX: convivência com o automóvel nos anos finais da década de 1910; instalação da energia elétrica nos anos iniciais da década de 1920; conclusão da estrada central, ligando Patos a Campina Grande na década de 1930, dando um novo impulso ao transporte motorizado; instalação do cine *Eldorado*, inaugurado em 1934, incorporado como forte símbolo do moderno naquela localidade. Contudo, procuramos perceber nas fontes, rastros das transformações ocorridas na cidade de Patos, e relacionar o impacto que tais transformações exerceram na cartografia urbana, assim como também na construção de novas sensibilidades, vistas neste trabalho como: uma nova visão de mundo, novas atitudes, novos valores, enfim um conjunto de comportamentos que passaram a conviver com os valores ditos tradicionais.

Porém, é importante ressaltar que os valores tradicionais não foram superados de uma hora para a outra, ao contrário conviveram, hibridaram-se⁴, chocaram-se, com os valores modernos, neste caso o Colégio Diocesano de Patos (1937) sob a administração de Monsenhor Manuel Vieira. Buscamos nas fontes, principalmente nos testemunhos e/ou rastros, as “tentativas feitas por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele”(BERMAN, 2007, p.11).

Naquele período os instrumentos de escolarização eram importantes e se fazia necessário civilizar os hábitos. “Foram criados mecanismos de controle do corpo, pois a utopia era fazer uma cidade imune a desordem, na qual fossem possíveis a visibilidade e a

⁴ Sobre esse assunto ver: CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.



vigilância” (BURITI, 2004, p.29). Os códigos de posturas foram exemplos práticos desses mecanismos. Uma sociedade urbanizada pressupõe a penetração da cultura moderna, burguesa, em todos os níveis, inclusive na zona rural e novas fronteiras agrícolas.

Nesse contexto, os colégios católicos tivessem maior interesse no sexo feminino, pois a mulher era vista como a principal responsável pela formação das famílias cristãs, a Igreja compreendia que a maioria dos jovens de ambos os sexos não se dedicaria à vida religiosa, mas a vida civil. A Igreja precisava encontrar uma maneira rápida para abarcar a todos os cidadãos no processo de recristianização⁵.

O sistema de ensino foi a solução encontrada para dar a essa juventude uma educação conforme os princípios da reforma ultramontana⁶ e conservadora. Além disso, a Igreja não poderia esperar apenas os resultados de uma recristianização em círculos, precisaria agir rápido atuando em todas as direções e camadas sociais. Partindo desse ponto de vista, a educação masculina era muito importante, afinal o homem era o principal agente social.

Nesse aspecto, a educação católica era bem aceita pela população e a Igreja aproveitou-se dessa aceitação para desenvolver sua meta, pois era uma área ainda não tomada pelos “males” do mundo moderno. A Igreja, no Brasil, contava com vários problemas e entre eles o principal era encontrar o corpo docente para os seminários e colégios. A melhor solução foi logo encontrada, optaram pela vinda de padres estrangeiros que já estavam moldados pelos ideais ultramontanos.

Os hábitos de civilidade também se fizeram presentes em códigos sociais (não escritos), isto é, a maneira de se vestir, de andar, de falar, entre outras práticas correntes, definiam territórios socialmente visitados. Enfim, com a instalação dos equipamentos modernos, os hábitos de civilidade, que tinham como referência hábitos europeus, entravam no Brasil através do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, principais vitrines do moderno no país, e assim passavam a fazer parte do dia a dia dos habitantes desta ou daquela cidade.

Assim sendo, guardadas as devidas proporções de tempo e lugar, na cidade de Patos em plena década de 1930, vestir a melhor roupa para ir ao cine *Eldorado*, a Festa de Nossa

⁵ Conceito utilizado por Dom Leme para catolicizar todos os espaços, empreendendo uma forte presença nas massas para ganhar a adesão do Estado, tornando-o cristão. Essa seria a geopolítica do catolicismo brasileiro no século XX. Nesse cenário entra a implantação do Colégio Diocesano de Patos e a presença de Monsenhor Manuel Vieira na sua administração. Ver: MANOEL, Ivan. A. *A Igreja e a educação (1859-1919). Uma nova face do conservadorismo*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

⁶ O ultramontanismo foi uma corrente que marcou a atuação da Igreja Católica brasileira, destacando-se principalmente pelo combate aos ideais liberais e às ideias modernizantes. Ver: LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A presença da Igreja no Brasil: história e problemas 1500-1968*. São Paulo: Editora Giro, 1977.



Senhora da Guia e/ou as retretas, eram hábitos tidos como civilizados, que eram também marcados com o cotidiano do Colégio Diocesano.

Entender a imbricação da Igreja Católica com a cidade e juntamente com a implementação do Colégio Diocesano no período da administração do Monsenhor Manuel Vieira é fazer compreensão dos motivos que contribuíram a cultura escolar daquela instituição enquanto espaço escolar de uma época, vendo a escola como a guardiã das tradições, dos costumes e das informações acerca da vida não somente do local onde ela está inserida, mas também das pessoas que nela estudam.

A visão educacional de Monsenhor Manuel Vieira é uma extensão de como sua vida era entrelaçada em funções públicas, ora como padre, ora como diretor, ora como professor, membro de partido político. Sua atuação acontece em determinado espaço territorial e sua vida se insere na própria missão que tantas vezes trilhou, buscando o desenvolvimento fundamentado num Projeto de Civilização que englobava setores da educação, religião, política e sociedade em uma cultura escolar.

São elementos do moderno e da tradição que caminham essa pesquisa, representados pelo Monsenhor Manuel Vieira e a Igreja Católica através do Colégio Diocesano e a cidade. Projeto defendido por esse “Apóstolo da Educação do Nordeste” como chamam Monsenhor Manuel Vieira nas narrativas encontradas sobre ele.

Referências Bibliográficas

BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-79.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

CASTANHO, Sérgio. *Institucionalização das Instituições Escolares: Final do Império e Primeira República no Brasil*. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO,



Wilson; SAVIANI, Dermeval (orgs). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. São Paulo: Autores Associados, 2007.

FERNANDES, Flávio Sátiro. *Subsídios para a História do Ginásio Diocesano de Patos*. 2ª Edição. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2008.

_____. *Na Rota do Tempo – Datas, fatos e curiosidades da história de Patos*. João Pessoa: Imprell editora, 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. *História da Educação e História Cultural*. IN: _____ e VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.) *História e Historiografia da Educação no Brasil*. 1ª Ed. 1ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. pp.49-76.

FRAGO, Antonio Viñao. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GONDRA, José Gonçalves (org.) *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, p. 9-43, 2001.

JÚNIOR, Décio Gatti, PESSANHA, Eurize Caldas. *História da Educação, Instituições e Cultura Escolar: conceitos, categorias e materiais históricos*. IN JÚNIOR, Décio Gatti, FILHO, Geraldo Inácio (orgs.). *História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. pp. 71-90.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et.al]. 4.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. *A História Nova*. In: _____; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A história Nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 25-64.

LUCENA, Damião. *Patos de todos os tempos: a Capital do Sertão da Paraíba*. João Pessoa: A União, 2015.

_____. *Patos em Revista*. Edição Histórica, 2005.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A presença da Igreja no Brasil: história e problemas 1500-1968*. São Paulo: Editora Giro, 1977.

MANOEL, Ivan. A. *A Igreja e a educação (1859-1919). Uma nova face do conservadorismo*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: História das instituições escolares*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.



NASCIMENTO, Maria Isabel [et al.] (orgs). *Instituições escolares no Brasil - conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

NÓBREGA, Evandro da. *Um Apóstolo da Educação no Nordeste: O Monsenhor Manoel Vieira e o Ginásio Diocesano de Patos*. Recife, PE: Gráfica J. Luís Vasconcelos, 2007.

NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Historiografia da Educação e Fontes*. Cadernos ANPED, n.05, set.1993. pp.07-64.

OLIVEIRA, Iranilson Buritti. *Façamos da família a nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Tese de Doutorado, UFPE, 2002.

PINTO, Diana Couto. *O Discurso Pedagógico da Modernidade*. R.bras.Est.pedag., Brasília, v.77, n.185, p.113-135.,jan/abr, 1996.

SANFELICE, José Luís. *História das Instituições Escolares*. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. [et.al.] (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 75-93.

SANTOS, José Ozildo. *Contribuição à História Eclesiástica de Patos*. João Pessoa, PB: [s.n.], 2005.

SAVIANI, Dermeval. *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. [et.al.] (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 03-27.

_____. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (coleção memória da educação).

SCOCUGLIA, Afonso Celso e MACHADO, Charliton José dos Santos. (orgs.) *Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da História do Ensino Primário no Brasil*. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2006, p.21-56.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. *Da Era das cadeiras isoladas à Era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. *Projetos urbanos e projetos escolares. Aproximação na produção de representações da educação em fins do século XIX*. Educação em Revista, Belo Horizonte, N°26, dezembro de 1997. pp.103-112.